



RELISE

TRÓPICO DE UNICÓRNIO – UM LEVANTAMENTO DAS *STARTUPS* BRASILEIRAS COM POTENCIAL PARA A ECONOMIA AZUL¹

*TROPIC OF UNICORN - A SURVEY OF BRAZILIAN STARTUPS WITH
POTENTIAL FOR THE BLUE ECONOMY*

Carlos Dias Chaym²

José Rafael Martins da Silva³

Fabio da Silva⁴

RESUMO

Este estudo busca fazer um levantamento das *startups* brasileiras com potencial na Economia Azul, buscando, como objetivos específicos, elencar as *startups* ligadas à Economia do Mar cadastradas na Associação Brasileira de Startups – ABStartups e analisar o conteúdo presente nos sites institucionais e demais páginas web das *startups*. Para isso, realizou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico, através da análise de conteúdo. Por se tratar de um assunto ainda novo no Brasil, os resultados demonstraram a baixa quantidade de *startups* envolvidas com a temática realizada, porém trata-se de um assunto com bastante relevância para as populações brasileiras e acadêmicas, com um potencial inovador e sustentável que caberá ainda para pesquisas futuras.

Palavras-chave: *startup*, economia azul, sustentabilidade.

ABSTRACT

This study seeks to survey the Brazilian startups with potential in the Blue Economy, seeking as specific objectives to list the startups linked to the Economy of the Sea registered with the Brazilian Startup Association - ABStartups and analyze the content present on institutional websites and other web pages of startups. For this, a bibliographic research was carried out, through content analysis. As it is still a new subject in Brazil, the results showed the low number

¹ Recebido em 02/03/2022. Aprovado em 06/03/2022.

² Centro Universitário UniFaC. carlosdiaschaym@gmail.com

³ Faculdade Cearense. rafaelmartins.cevi@gmail.com

⁴ Universidade Potiguar. fabiosoyme@hotmail.com



RELISE

131

of startups involved with the theme carried out, however it is a subject with considerable relevance for the Brazilian and academic populations, with an innovative and sustainable potential that will still be up to for future research.

Keywords: startup, blue economy, sustainability.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico a partir da Revolução Industrial passou a estar especialmente atrelado ao surgimento de inovações (FREEMAN; SOETE, 2008). Deste modo, tanto a inovação em si quanto as atividades que antecedem e suas consequências exercem papel fundamental no crescimento e no desenvolvimento tecnológico de um país ou uma região (FREEMAN; SOETE, 2008; TIGRE, 2006).

O progresso técnico, contudo, não esteve isento de causar impactos ambientais indesejáveis que, mais do que nunca, têm ocupado boa parte da agenda de discussão de pesquisadores, agentes políticos e da população em geral. Nesse contexto, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, também conhecida como Rio+20, realizada de 13 a 22 de junho de 2012 no Rio de Janeiro, funcionou como um agente indicativo ao apontar os caminhos que o desenvolvimento econômico deverá seguir para preservar a vida e o bem-estar nas gerações futuras. Isso permitiu que formadores de políticas, sociedade civil, setor acadêmico e demais *stakeholders* debatessem os desafios de se pensar o desenvolvimento econômico sustentável, fundamentado em responsabilidade ambiental, justiça social e viabilidade econômica (BRASIL, 2012).

Um tema de grande destaque na Conferência foi o papel dos oceanos para o cumprimento desses objetivos, isso se confirma pelo anúncio do Banco Mundial de que mais de 80 países, grupos da sociedade civil, companhias privadas e organizações internacionais declararam apoio à nova Parceria Global



RELISE

132

pelos Oceanos, uma aliança diversificada para alcançar objetivos multilaterais públicos, privados, da sociedade civil e de pesquisa que visam juntar esforços para manter os oceanos saudáveis e produtivos (BANCO MUNDIAL, 2012). Toda essa atenção aos oceanos trouxe à tona o conceito de Economia Azul (também chamada de Crescimento Azul), uma etiqueta que engloba desenvolvimento econômico sustentável e promoção de meios de vida e bem-estar para a população a partir dos recursos marinhos (MICHEL, 2016).

Para transformar a economia do mar já estabelecida em Economia Azul, é preciso que diversos *stakeholders* como universidades, centros de pesquisa, governo, setor produtivo e população cooperem para que haja uma efetiva transformação em direção à sustentabilidade no uso dos oceanos, mares e recursos costeiros. É neste cenário que surgem oportunidades de negócios, especialmente com empreendedores de *startups*, já que essas organizações possuem gestão mais dinâmica e, com isso, podem desempenhar um papel mais imediato para a Economia Azul, visto que se trata de:

[...] indivíduos que são capazes de reconhecer oportunidades de negócio e explorá-las. Trata-se de indivíduos estimulados pela criatividade e pela inovação, responsáveis pela criação de empresas com caráter inovador e que assumem um importante papel no cenário mercadológico, a partir da criação de novos modelos de negócios que irão contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país, seja com a criação de empregos ou com o aumento da riqueza e a sua distribuição (FIGUEIRA *et al.*, 2017, p. 57).

Procurou-se neste estudo realizar uma análise em dois tempos do cenário brasileiro para as *startups* ligadas à economia do mar. A primeira análise consiste em um levantamento *ex-post* das *startups* brasileiras ligadas à economia do mar (e, por conseguinte, com maior propensão a atuar mais imediatamente na Economia Azul). Já a segunda consiste em uma análise de conteúdo em cima das *startups* que foram encontradas envolvidas com Economia Azul no Brasil.



RELISE

133

Mediante o exposto, tem-se como questão de partida: Como se configura o cenário presente e futuro de *startups* ligadas à Economia Azul no Brasil? O presente estudo tem, portanto, como objetivo geral: mapear o cenário presente e futuro de *startups* ligadas à Economia Azul no Brasil e, como objetivos específicos: i. elencar as *startups* ligadas à Economia do Mar cadastradas na Associação Brasileira de Startups – ABStartups; e ii. Analisar o conteúdo presente nos sites institucionais e demais páginas web das *startups* levantadas no objetivo específico anterior.

O presente artigo está dividido nas seguintes partes: primeiramente, essa introdução que contextualiza o tema e traz a questão de pesquisa; referencial teórico, que apresenta os conceitos que embasam esta pesquisa; procedimentos metodológicos, que descreve o percurso adotado para responder a questão de pesquisa; análise e discussão dos resultados, que discute os achados empíricos; e considerações finais, que resumem o presente estudo e propõem pesquisas futuras que possam suprir as limitações presentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Essa seção contextualiza os principais conceitos utilizados no estudo, bem como apresenta os conceitos operacionais dos mesmos.

Economia Azul

Já há algumas décadas tem-se percebido que a ação humana vem causando diversos danos ao meio ambiente, como a destruição da camada de ozônio, a alteração de ecossistemas e aquecimento global e a consequente elevação do nível do mar, para ficar apenas em alguns exemplos. A Conferência das Nações Unidas para o Ambiente Humano tornou-se marco na tentativa de compreender as mudanças que o planeta vem sofrendo e estabelecer estratégias para um desenvolvimento econômico mais inclusivo e sustentável.



RELISE

134

Realizada em Estocolmo em 1972, a Conferência reuniu ambientalistas, pesquisadores, representantes de 113 países (Brasil, dentre esses) e mais de 400 instituições governamentais ou não-governamentais, gerando uma lista de diretrizes a serem observadas pelas nações em busca de reverter os impactos negativos causados pela ação humana. Posteriormente, outras conferências e protocolos deram continuidade à agenda de encontros que procuravam aumentar o compromisso dos países com as questões climáticas globais, como o Informe Brundtland (1987), a Eco-92 (1992), o Protocolo de Kyoto (1997), as Cúpulas de Johannesburgo (2002), Nairóbi (2006) e Copenhague (2009).

Em 1992, o Rio de Janeiro sediou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (ECO-92), que veio a se tornar um grande marco nas discussões sobre mudança climática e ecologia. A partir das pautas ali discutidas, surgiram importantes tratados internacionais como a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima e o Protocolo de Quioto, inaugurando uma série de mudanças em direção a uma Economia Verde.

Vinte anos depois, o Rio de Janeiro voltou a sediar uma nova edição da Conferência, ficando essa conhecida como Rio+20. O evento reuniu representantes de 188 países que juntos debateram uma série de diretrizes para a promoção de um futuro economicamente, socialmente e ambientalmente sustentável para o planeta (ONU, 2012). Dentre os temas mais em voga, o papel dos oceanos para o cumprimento dessas diretrizes ganhou destaque considerando o potencial que os recursos marinhos possuem para o planeta:

Ressaltamos a importância da conservação e uso sustentável dos oceanos, mares e de seus recursos para o desenvolvimento sustentável, inclusive através de suas contribuições para a erradicação da pobreza, crescimento econômico sustentado, segurança alimentar e criação de meios de subsistência sustentáveis e de trabalho digno, protegendo ao mesmo tempo a biodiversidade e o ambiente marinho e abordando os impactos das mudanças climáticas (ONU, 2012, p. 30, tradução nossa).



RELISE

Essa inserção dos oceanos na agenda global de desenvolvimento sustentável fez entrar em uso o conceito Economia Azul ou, ainda, Crescimento Azul (HOWARD, 2018; MULAZZANI; MALORGIO, 2017; WINDER; LE HERON, 2017; VOYER; LEEUWEN, 2018). De acordo com Silver *et al.* (2015), a Economia Azul ainda é um conceito em construção, sendo que inicialmente ela vem sendo associada a pelo menos quatro discursos distintos: a) capital natural; b) oceano como um bom negócio; c) oceanos como parte integrante dos Estados Insulares em Desenvolvimento do Pacífico (*Small Islands Developing States*); d) oceanos como meio de sustento pela pesca de baixa escala.

Em termos práticos, a Economia Azul é um chamado para repensar as relações entre humanidade e ambiente marinho, adotando estratégias de desenvolvimento sustentável, redução da pobreza e promoção do bem-estar da população (MICHEL, 2016). Sob essa perspectiva, há uma mudança na Economia do Mar clássica, já que “sob essa definição nem toda atividade baseada no oceano é consistente com o conceito de Economia Azul, pois muitas atividades no oceano não são sustentáveis” (KEEN; SCHWARZ; WINI-SIMEON, 2017, p. 2, tradução nossa).

Por outro lado, a emergência da Economia Azul não implica a substituição da Economia Verde, ao contrário, ambas propostas se integram na tentativa de frear ou reverter as mudanças climáticas globais. O sistema acoplado continente-oceano-atmosfera exige estudos e ações pragmáticas que considerem mais as suas inter-relações e menos seus isolamentos. Trata-se, portanto, de um processo complexo que exige multiplicidade de atores e atividades que se reorganizam através de um processo complexo de produção, negociação e criação de economia do conhecimento (CHOI, 2017).

Deste modo, para que efetivamente se responda ao imperativo para a promoção da Economia Azul, é preciso a cooperação entre atores



RELISE

136

governamentais, não-governamentais, setor produtivo, academia e população civil (PINTO; CRUZ; COMBE, 2015; MICHEL, 2016). Algumas ações já vêm sendo feitas, como a assinatura de tratados internacionais de governança e preservação da biodiversidade marinha, o aumento da produção de energia limpa, a adoção de tecnologias menos poluentes em automóveis (como motores híbridos ou movidos a hidrogênio) ou mesmo as mudanças de preferências dos consumidores, que tendem cada vez mais a adotar hábitos mais ambientalmente sustentáveis. Entretanto, essas ações ainda não são suficientes para assegurar a saúde dos oceanos no longo prazo.

A Economia Azul, assim, compreende uma estratégia de sobrevivência abrangente e fundamental, compreendendo tanto atividades ligadas à dimensão marinha, quanto às atividades adjacentes ao mar. Conforme Carvalho (2018), a dimensão marinha corresponde àquelas atividades que estão totalmente ou diretamente relacionadas aos oceanos e mares, independentemente de serem desenvolvidas em terra ou mar; já as atividades adjacentes ao mar compreendem as atividades desenvolvidas sem insumos provenientes do mar.

Sustentabilidade

Antes de ser iniciada alguma definição sobre sustentabilidade, é cabível falar sobre desenvolvimento sustentável que foi um termo que surgiu a partir de um estudo da Organização das Nações Unidas sobre mudanças climáticas. Na Conferência do “Rio 92”, foi desenvolvido um relatório que se refere a questões sociais e ao uso de recursos da Terra. Nesse relatório consta uma definição sobre o conceito: “O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que encontra as necessidades atuais sem comprometer a habilidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades” (NOSSO FUTURO COMUM, 1991, p. 46).



RELISE

137

Outro importante documento escrito na “Rio 92” foi “A Carta da Terra”. Ela traz importantes ressalvas sobre o meio ambiente e foi retificada pela UNESCO e aprovada pela ONU em 2002:

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. ‘Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações’ [CARTA DA TERRA, 2002, p. 1].

Para facilitar a compreensão do conceito de sustentabilidade, Sachs (1993) a divide em cinco classificações: a sustentabilidade ambiental, a sustentabilidade econômica, a sustentabilidade ecológica, a sustentabilidade social e a sustentabilidade política. Essa divisão é contraposta pela visão de Shumacher (CMMAD, 1991), que classifica somente em sustentabilidade ambiental, econômica e pessoal. Mas essas duas visões diferem principalmente na definição do termo ambiental, pois Shumacher se refere ao uso racional dos recursos, enquanto Sachs à capacidade dos ecossistemas diante da agressão humana.

Alguns autores divergem sobre tal assunto, já outros têm uma linha de raciocínio parecida como Elkington (2012, p. 52), que diz que “Sustentabilidade é o princípio que assegura que nossas ações de hoje não limitarão a gama de opções econômicas, sociais e ambientais disponíveis para as futuras gerações”. Sustentabilidade já deixou de ser apenas um substantivo e passou a ser um paradigma do século XXI, dessa forma sustentabilidade está pensada de forma global para que as ações causadas hoje tenham um menor impacto possível nas gerações futuras. Desse modo, sustentabilidade pode ser vista como um



RELISE

conjunto de ações que visa manter a força vital e integridade da mãe terra (BOLF, 2017).

Dessa forma as *Startups* envolvidas com sustentabilidade podem ter um papel valioso para o desenvolvimento da economia azul no Brasil e, através de ideias inovadoras, podem ser o caminho para o crescimento dessa atividade no país.

Startups na Economia Azul

Startup é um novo conceito de empreendedorismo que preza pelo *feedback* contínuo (RIES, 2012). Diferentemente de uma empresa tradicional em que é recomendado fazer um plano detalhado para que depois vá ao mercado, nas *startups* recomenda-se validar a ideia para que se constate se tem mercado e se tem pessoas que consomem o produto (CARVALHO; ALBERONE; KICORVE, 2012). É um *feedback* constante tanto quantitativo como qualitativo e esse ciclo pode ser resumido em construir, medir e aprender (RIES, 2012).

Ainda para Ries (2012), *startup* é uma instituição humana projetada para oferecer um novo produto ou serviço em condições de extrema incerteza. Da definição depreende-se que nada foi dito a respeito do tamanho da empresa, logo qualquer pessoa que está envolvida na criação de um produto ou serviço em que prevalece um cenário de grande incerteza está envolvida em uma *startup*. Outra consequência importante da definição é a inovação como componente fundamental. Não se trata de criar algo revolucionário, ainda que isso possa acontecer, mas ao menos buscar trazer uma nova fonte de valor aos clientes, seja fornecendo uma solução em um mercado que anteriormente era ignorado ou possibilitando um novo uso para uma tecnologia já existente.



RELISE

139

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se caracteriza como sendo de natureza aplicada de abordagem qualitativa, uma vez que busca captar, através de textos e falas, as informações necessárias para cumprimento dos objetivos propostos. Quanto ao objetivo, essa pesquisa se classifica como sendo descritiva, já que busca caracterizar o perfil de *startups* por meio de suas próprias descrições.

Coleta de dados

Este estudo consistiu em uma busca de informações coletadas no site da ABStartups, que foi iniciada em janeiro de 2020 e foi até maio do mesmo ano; durante esse tempo, foi analisado o conteúdo das empresas que estão cadastradas na ABStartups, através de consultas tanto na página cadastrada quanto no próprio site da *startup*. A seguir, foi feita uma análise do conteúdo de páginas das *startups* ligado à Economia do Mar. Por ser realizado com base em coleta documental, esta fase caracteriza-se por ser “[...] de materiais que não receberam ainda tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 45).

Método

Dessa forma essa etapa foi realizada por meio da análise de conteúdo. Para Bardin (2011, p. 47), a análise de conteúdo já era usada pela humanidade para tentar interpretar livros sagrados. O autor ainda intitula análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).



RELISE

140

Neste sentido, entende-se que a análise de conteúdo possibilita o atendimento de inúmeras necessidades de pesquisadores envolvidos na análise de dados de comunicação, especialmente aqueles voltados a uma abordagem qualitativa.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A ABStartup é uma associação que atua em nível nacional e agrega várias *startups* atuantes em áreas das mais diversas. Criado em janeiro de 2011 pela empresa BizStart, pelos empreendedores Maurilio Alberone e Rafael Carvalho, o StartupBase foi um grande marco para o então nascente ecossistema brasileiro de startups, pois auxiliou centenas de pessoas a conhecer as startups brasileiras, ajudando as mesmas na prospecção de novos negócios com investidores, mentores, consultores e também empreendedores que poderiam ser sócios da plataforma. Em fevereiro de 2013, a base de dados da Associação Brasileira de Startups (Abstartups) foi totalmente integrada ao StartupBase, assim se tornando o maior banco de dados de startups do Brasil. Atualmente ela conta com 12.952 *startups* cadastradas.

No site da ABStartup, foram pesquisados os termos “Economia do Mar”, “Oceanos”, “Mares”, “Sustentabilidade”, e foram encontradas as *startups* contidas no quadro 1.

Quadro 1 – Startups cadastradas na ABStartup

Nome	Fundação	Página na Abstartups	Descrição
Monitoragua	2018	https://sbase.me/s/monitoragua	A empresa oferece um recurso de medição da qualidade da água que usamos e consumimos, remotamente, on-line e direcionados ao uso pretendido.
Bchem	2016	https://sbase.me/s/bchem	Transformando óleos residuais em energia, em prol do desenvolvimento econômico, social e ambiental



RELISE

Hydro	2017	https://sbase.me/s/hydro	Hydro é um equipamento que ajuda os usuários a controlar e monitorar o consumo de água em tempo real, evitando assim desperdícios e surpresas quando a conta chega.
Hopeamazon consultoria em sustentabilidade s. a.	2019	sbase.me/s/hopeamazon-consultoria-em-sustentabilidade-s-a	Empresa com foco em Preservação Ambiental que produz Ativos Ambientais em Blockchain para venda no mercado B2B para compensação ambiental de empresas.
Destine Já Serviços Ambientais	Sem Informação	https://sbase.me/s/destine-com-servicos-ambientais	Plataforma web de destinação de resíduos com sustentabilidade.
Cerensa	2011	https://sbase.me/s/cerensa	Desenvolve inovações tecnológicas para empresas que desejam elevar seus padrões de governança em sustentabilidade e meio ambiente.
Atmos	2018	https://sbase.me/s/atmos	Sistema de gestão energética capaz de contribuir no processo de decisão para redução do consumo de energia armazenando dados na nuvem.
Theo	2020	https://sbase.me/s/theo	O THEO é um app que transforma atitudes sustentáveis em pontos para troca de produtos ou serviços no marketplace da empresa.
INDDRA Energia e Resíduos	2018	https://sbase.me/s/inddra-energia-e-residuos	Empresa de consultoria, serviços e pesquisas em inovação tecnológica, atuando nas áreas de Energia e Resíduos.
Ecocup	2017	https://sbase.me/s/ecocup-solucoes-biodegradaveis	Fabricação de Recipientes biodegradáveis para substituição do plástico na agricultura seja em culturas extensivas ou em agricultura familiar.
Remotek	2016	sbase.me/s/remotek	Solução compacta e eficiente para o tratamento de água oleosa no mercado de Óleo e Gás.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após levantamento inicial, uma filtragem foi feita com base na análise de conteúdo de suas páginas na web (dentro e fora do site Abstartup), cumprindo-se o objetivo específico 2. Por fim, identificou-se as seguintes startups: Monitoragua, Bchem, Hydro, Hopeamazon, Cerensa, Atmos Theo, Inddra,



RELISE

Ecocup e Remotek. Com isso, cumpre-se o objetivo específico 1, que foi elencar as startups ligadas à Economia do Mar cadastradas na Associação Brasileira de Startups – ABStartups.

Dessas *startups*, como mostra o quadro acima, poucas trabalham diretamente com os oceanos, mas em contraproposta outras influenciam indiretamente, como a Bchem que transforma óleos residuais em energia, em prol do desenvolvimento econômico, social e ambiental, e com isso evita que esses resíduos sejam despejados nos oceanos.

Em cima das *startups* contidas no quadro 1 que foram selecionadas no site da Abstartup por estarem envolvidas direta ou indiretamente com a economia do mar, foi feita uma análise de conteúdo das descrições das empresas a fim de verificar palavras chaves que todas têm em comum nas suas descrições.

Quadro 2 – Quantidade de palavras repetidas na descrição das *startups*

Palavras	Quantidade
Água	3
Sustentabilidade	2
Meio Ambiente	2
Consumo	2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Das 160 empresas selecionadas no site, 11 estão relacionadas de forma direta e indiretamente com economia do mar, sustentabilidade, oceanos e mares, as quais estão selecionadas no quadro 1. Dessa forma foi feita uma análise de conteúdo da descrição dessas selecionadas, que indica como essas *startups* têm um perfil dinâmico, com potencial para o desenvolvimento da Economia do Mar sustentável no Brasil. O quadro 2 mostra como essas empresas já têm na sua descrição esse envolvimento, pensando de forma mais sustentável, logo, apesar da Economia do Mar sustentável ainda não ser uma realidade no país, ela tem potencial para o seu desenvolvimento no Brasil.



RELISE

143

Analisando dessa forma, identifica-se baixa quantidade de *startups* que podem ser classificadas como sendo alinhadas com uma Economia Azul: no total de 12.952 *startups* cadastradas, apenas 11 atendem de alguma forma o quesito pesquisado, isso quer dizer que a cada 1.177 *startups* cadastradas no site, apenas 1 (uma) está envolvida com a Economia Azul. Seguindo essa média, durante esses 7 anos de fundação da Associação, levaria mais de 100 anos para que *startups* envolvidas com Economia Azul tenham a mesma representatividade que outras têm no site nos dias atuais.

A Economia Azul, assim, compreende uma estratégia de sobrevivência abrangente e fundamental, compreendendo tanto atividades ligadas à dimensão marinha, quanto atividades adjacentes ao mar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como questão de pesquisa: Como se configura o cenário presente e futuro de *startups* ligadas à Economia Azul no Brasil? Essa pergunta foi satisfeita na medida em que foram pesquisadas as *startups* envolvidas com a temática e mostrou-se como essas ainda estão iniciando nesse assunto, porém com um potencial muito promissor para o futuro.

Partindo da premissa de que, para transformar a Economia do Mar clássica em atividades que atendam aos pressupostos de um uso mais sustentável dos oceanos, é preciso haver convergência entre atores distintos para o surgimento de inovações, o presente estudo se propôs a discutir o seguinte objetivo geral: mapear o cenário presente e futuro de *startups* ligadas à Economia Azul no Brasil e, como objetivos específicos: i. elencar as *startups* ligadas à Economia do Mar cadastradas na Associação Brasileira de Startups – ABStartups; ii. analisar o conteúdo presente nos sites institucionais e demais páginas web das *startups* levantadas no objetivo específico anterior.



RELISE

144

Esse artigo pode oferecer contribuições teóricas para incentivar a discussão e a ampliação de debates sobre as novas *startups* envolvidas com Economia Azul e, em termos teóricos, permite aprofundar o debate sobre um conceito ainda em construção, porém muito importante para o futuro da população mundial. As discussões apresentadas aqui podem ainda ser úteis como ponto de partida para estudos que aprofundem o conhecimento ainda incipiente sobre Economia Azul. Desse modo, a temática torna-se muito interessante para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ALBERONE, M; CARVALHO, R.; KIRCOVE, B. **Sua ideia ainda não vale nada – o guia prático para começar a validar seu negócio**. Rio de Janeiro, 2012.

BANCO MUNDIAL. **Mais de 80 países, empresas privadas e organizações internacionais declaram apoio à parceria global para os oceanos**. Rio de Janeiro, 16 de junho de 2012. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2012/06/16/more-than-80-nations-private-companies-and-international-organizations-declare-support-for-global-partnership-for-oceans>>. Acesso em: 26 set. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

CARVALHO, A.B. **Economia do mar: conceito, valor e importância para o Brasil**. Programa de Pós-graduação em Economia e Desenvolvimento, PUCRS, **tese**, 185 f., 2018.

CHOI, Y.R. The blue economy as governmentally and the making of new spatial rationalities. **Dialogues in human geography**, v. 7, n. 1, p. 37-41, 2017. <http://dx.doi.org/10.1177/2043820617691649>

FIGUEIRA, K. K.; HORBE, T. A. N.; VARGAS, K. F. S.; MACHADO, E. C.; MOURA, G. L. Startups: estudo do processo de abertura e gerenciamento. **Revista de Administração da UFSM**, v. 10, n. Ed. Especial, p. 56-71, 2017. www.doi.org/10.5902/19834659.24965



RELISE

FREEMAN, C.; SOETE, L. **A economia da inovação industrial**. Campinas: Unicamp, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOWARD, B.C. Blue growth: stakeholders perspectives. **Marine policy**, v. 87, pp. 375-377, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2017.11.002>

KEEN, M.R.; SCHWARZ, A.-M; WINI-SIMEON, L. Towards defining the blue economy: practical lessons from pacific ocean governance. **Marine police**, v. 88, p. 333-341, 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpol.2017.03.002>

MICHEL, J.A. **Rethinking the oceans**: towards the blue economy. St. Paul: Paragon house, 2016.

MULAZZANI, L.; MALORGIO, G. Blue growth and ecosystems services. **Marine pol-icy**, v. 85, p. 17-24, 2017. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpol.2017.08.006>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Carta da Terra, 2002.

PINTO, H.; CRUZ, A.R.; COMBE, C. Cooperation and the emergence of maritime clusters in the atlantic: analysis and implications of innovation and human capital for blue growth. **Marine policy**, v. 7, n. 7, p. 167-177, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.mar-pol.2015.03.029>

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIES, E. **A startup enxuta**: como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas. São Paulo: Lua de Papel, 2012.

SILVER, J.J.; GRAY, N.J.; CAMPBELL, L.M.; FAIRBANKS, L.W.; GRUBY, R.L. Blue economy and competing discourses in international oceans governance. **Journal of environment & development**, v. 24, n. 2, p. 135-160, 2015. <http://doi.org/10.1177/1070496515580797>

RIO DE JANEIRO. **Sobre o rio+20**. Rio de Janeiro – RJ, 2012. Disponível em:< http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20.html>. Acesso em: 23 set. 2019.



RELISE

146

TIGRE, P.B. **Gestão da inovação**: a economia da tecnologia do Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

VOYER, M.; LEEUWEN, J. 'Social license to operate' in the blue economy. **Resources policy**, v. 62, pp. 102-113, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.resourpol.2019.02.020>

WINDER, G.M.; LE HERON, R. Assembling a blue economy moment? Geographic engagement with globalizing biological-economic relations in multi-use marine environments. **Dialogues in human geography**, v. 7, n. 1, 2017. <https://doi.org/10.1177/2043820617691643>